

RIO DE JANEIRO, RJ, 14 DE SETEMBRO DE 2000

Senhor Governador da Bahia, aqui presente, Doutor César Borges; Senhores Ministros que me acompanham, nomeadamente o Ministro Rodolpho Tourinho e o Ministro Sarney Filho, que estão aqui a meu lado, mas estamos cercados de outros Ministros; Senhor Prefeito do Rio de Janeiro, Prefeito Luiz Paulo Conde; Senhor representante do Governador do Rio de Janeiro, Governador Anthony Garotinho; Senhor Diretor da Agência Nacional do Petróleo, Doutor David Zylbersztajn; Senhores Parlamentares, que nos dão a honra da presença; Empresárias; Empresários; Senhoras e Senhores,

É a segunda vez que participo, aqui neste mesmo local, de uma cerimônia desta natureza. Agora, com um adendo, um adendo que me deixa muito feliz, que é ao mesmo tempo estarmos assinando contratos para a expansão da indústria petrolífera do Brasil, e criando uma zona de proteção ambiental. Estamos permitindo que haja, ao mesmo tempo, cuidado com aquilo que é essencial, que é o meio ambiente. A criação dessa zona, que é uma zona interessante, em Santa Catarina, onde será possível observar a aproximação das baleias, de um

tipo de baleias que não estão em extinção, mas que têm risco de extinção, creio, também, que é bem simbólico, porque mostra a necessidade de nós unirmos os esforços de petróleo, de busca de desenvolvimento, de atividades que são atividades que certamente traduzem-se em certos riscos, também, para o meio ambiente e com uma preocupação direta com a natureza. Isso expressa a modernidade do Brasil, um país que não teme enfrentar desafios, mas que tem consciência dos desafios que está enfrentando.

Fiquei muito contente, também, por estar, mais uma vez, aqui no Rio de Janeiro, e verificar as transformações que essa indústria petrolífera está trazendo para o Estado.

Quando, no meu primeiro mandato – era Governador o meu amigo Marcello Alencar – nós definimos que era preciso não esquecer nunca que o Brasil olha para o Rio de Janeiro e que o Rio de Janeiro é o farol do Brasil, foi assim que eu disse.

Nós tínhamos um empenho, eu tinha um empenho pessoal em que o Rio voltasse a ter aquela vitalidade que sempre o caracterizou. Uma parte dessa transformação ou dessa volta a um Rio que crê em si mesmo era o renascimento da indústria do petróleo. A outra, da indústria de automóveis, que também está avançando. A outra, da indústria petroquímica, que também está avançando. Depois, os portos, inclusive o porto de Sepetiba, que hoje já funciona. Depois, a telemática, centrada aqui no Rio de Janeiro.

Enfim, nós queríamos fazer com que o Rio voltasse a ser, como tem que ser, para orgulho de todos nós, brasileiros, uma região de progresso. Mas uma região de progresso que nunca esquecesse, como não esqueceu, o meio ambiente.

Foi por isso, também – o Prefeito Conde sabe disso – que todas as vezes que foi necessário – também o sabe o Governador Garotinho – o Ministério do Meio Ambiente ajudou o Rio. Na questão, aqui, da Lagoa Rodrigo de Freitas, na questão de preservar esta fantástica natureza do Rio de Janeiro, a questão do lixo da Baixada Fluminense, nós sempre estivemos presentes, porque para nós, brasileiros, o Rio tem que ser um marco, um marco de progresso mas um marco,

também, de amor à natureza. Porque o Rio é uma cidade que se caracteriza por ter essas duas componentes fundamentais, um espírito de vanguarda, vivendo neste ambiente extraordinário, neste pedaço tropical que transforma o Rio de Janeiro numa cidade única no mundo. É, portanto, com muita alegria que volto ao Rio, para ver questões que estão avançando, e avançando bem.

O Doutor David Zylbersztajn mostrou as transformações que nós estamos operando nesta área da questão energética. Não é só no petróleo. Nós estamos alterando muitas coisas no Brasil, na questão da energia elétrica, na questão do gás, na questão da telefonia, na construção, como disse o Doutor Zylbersztajn, de um novo Estado.

Quero dizer aqui, no Rio de Janeiro, na cidade onde nasci, e vindo de uma família de pessoas ligadas ao petróleo: meu pai era “general do petróleo”, do “O Petróleo é nosso”. Fui, também, lutador pela questão do “O Petróleo é nosso”, que é o verdadeiro nacionalismo. Não um nacionalismo que olha para trás, mas um nacionalismo que olha para a frente, de quem faz o Brasil avançar. Nós estamos fazendo o Brasil avançar.

Estamos fazendo o Brasil avançar, criando as condições de desenvolvimento científico e tecnológico, como mostrou o Doutor Zylbersztajn aqui, que a própria expansão da indústria petrolífera propicia, mais e mais, condições de pesquisa. Mas, também, fazendo o Brasil avançar de tal maneira que os componentes que são necessários para a exploração do petróleo sejam feitos por tecnologia desenvolvida no Brasil, através da pesquisa, por empresas brasileiras que não têm medo de se associar, e se associam a outras empresas. E que amanhã vão estar operando como multinacionais, porque esse é o futuro que nós podemos ver, para esse século que se aproxima. As nossas empresas têm que atuar no plano internacional, e não vão atuar sozinhas, assim como as empresas estrangeiras que estão aqui não atuam sozinhas, se associam às empresas daqui, porque é a maneira melhor para que as coisas, realmente, possam avançar e possam progredir.

Quem vê hoje essa transformação, quem vê a Petrobras se associando às empresas e crescendo como nunca – como nunca – entende o

que é um novo momento do nacionalismo brasileiro, que não é o nacionalismo do botocudismo, não é o nacionalismo que fica o tempo todo impedindo que as coisas aconteçam, não é um Estado parasitário, em que as burocracias sugam, através do Tesouro, o dinheiro do povo. É um Estado que usa o dinheiro do povo para a educação, para a saúde, para o meio ambiente, para o bem-estar da população e faz com que o crescimento econômico seja materializado pela acumulação de capitais, que, quando existe no setor privado, será do setor privado. O que não inibe o Governo de, quando necessário, também aí atuar para induzir processos novos e criativos de transformação do Brasil.

É, portanto, a um novo Brasil que estamos assistindo aqui, nesses últimos anos, e que apenas está começando nessa nova arrancada.

Com todas essas transformações, os mais pessimistas... Sempre há o que eu chamo de “os fracassomaníacos”. E sempre os há. Sempre há gente olhando para trás. Sempre há gente vendo perigo que não existe. Sempre há gente apostando no atraso. Sempre há gente apostando no fracasso. Isso não tem importância. Deixa de lado. Não vale a pena nem responder, deixa. Vamos passando, vamos avançando.

Agora, a última barreira é o seguinte: “Ah, mas não vai haver emprego.” Pois bem, estamos fazendo o crescimento do emprego até no setor industrial, que é onde é mais difícil fazer crescer o emprego. O emprego está crescendo de novo. O Rio de Janeiro tem as menores taxas de desemprego do Brasil. Taxas que são quase do tipo das taxas americanas, que chegam ao redor de 5% da força de trabalho. Nós queremos que haja pleno emprego. Sei que é difícil, mas aqui temos conseguido nos aproximar. Está aí o Ministro Francisco Dornelles, que é testemunha disso. Está aí o Ministro Alcides Tápias, que está na área do desenvolvimento e sabe disso. Estamos assistindo a um começo de transformação da situação de emprego, de tal maneira que o desenvolvimento econômico não há de ser para poucos. Há de ser para todos os brasileiros.

É com esse espírito, com esse espírito novo, com um espírito de confiança, espírito de gente que não tem medo de se abrir, mas que sabe

também que há interesses que são nacionais, que têm que ser preservados... E, para preservá-los, é preciso ter inteligência, talento, é preciso ter a capacidade de visualizar, de ver mais longe e não apenas de chorar por um passado que não foi tão glorioso assim, que, pelo contrário, foi um passado em que havia muito analfabeto, muito pobre, muita miséria. O passado que o Marcello e eu, que somos mais velhos, vimos, não era um passado de maravilhas, não. O presente, tampouco, o é. Mas o futuro há de ser. E será, se continuarmos no caminho em que estamos, com o rumo firme, com o rumo certo, vendo as nossas empresas... Quem imaginaria empresas brasileiras fazerem exploração de petróleo? Impensável há muito pouco tempo. E, hoje, isso é uma realidade que estamos sentindo aqui, com muita tranqüilidade. Quem imaginaria isso?

Então, é esse voto de confiança no Brasil, que eu quis refazer uma vez mais. E fiz questão de vir ao Rio e refazê-lo aqui, no Rio de Janeiro. Termino dizendo que, para mim, o Rio é mesmo o farol do Brasil.

Muito obrigado.

